

ELEMENTOS PARA UMA ANTROPOLOGIA DA PÓS-VERDADE: UMA INTRODUÇÃO

ELEMENTS FOR AN ANTHROPOLOGY OF POST-TRUTH: AN INTRODUCTION

Rafael Antunes Almeida¹

¹Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, Ceará, Brasil

RESUMO

Este artigo está constituído na forma de um conjunto de reflexões introdutórias para antropólogos interessados em iniciar as suas investigações sobre os temas da pós-verdade e do negacionismo científico. Em um primeiro momento, o trabalho discute o valor heurístico dos dois últimos conceitos à luz de três perspectivas contemporâneas. Em seguida, mapeia dois possíveis desafios que quem adentra na antropologia da pós-verdade pode enfrentar: a acusação de estar reanimando uma pulsão adormecida da Antropologia e as complexidades metodológicas de descrever socialidades críticas à ciência. Apresentados esses desafios, o texto percorre algumas possibilidades de pesquisa sobre a pós-verdade e o negacionismo já registradas nos anuários da disciplina. Por fim, discute determinados elementos a se considerar na investigação, a saber: o modo como negacionistas científicos se autorrepresentam e a maneira segundo a qual retratam os cientistas; a relação entre o tema da crise de confiança na ciência e a noção de desinformação; e os arranjos explicativos típicos das teorias da conspiração.

Palavras-chave: pós-verdade; negacionismo científico; teorias da conspiração; ciência; anti-ciência.

ABSTRACT

This paper offers a set of introductory reflections intended for anthropologists interested in beginning research on post-truth and scientific denialism. Initially, the work evaluates the heuristic value of the aforementioned concepts in light of three contemporary perspectives. The next step is to identify two possible challenges a researcher approaching the anthropology of post-truth may face: the charge of reanimating a discipline's dormant drive and some methodological complexities of describing socialities that are critical of science. Once both challenges are presented, the paper explores some research possibilities related to post-truth and scientific denialism already developed in the discipline. Finally, it discusses some elements to be considered during the research, such as: the denialists' self-representation and the way scientists are depicted by them; the relationship between the crisis of confidence in science and the notion of disinformation; and the typical explanatory framework of conspiracy theories.

Keywords: post-truth; scientific denialism; conspiracy theories; science; anti-science.



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

INTRODUÇÃO

Em face da intensidade da dispersão do negacionismo científico e das teorias da conspiração para terrenos cada vez mais diversos (Harsin, 2015), com teses que colocam em dúvida o aquecimento global, a eficácia de vacinas já testadas e o formato real da Terra, configurando um contexto que vem recebendo publicamente o nome de pós-verdade, este artigo pretende reunir um conjunto de reflexões teóricas introdutórias para o estudo do fenômeno a partir da Antropologia.

Na primeira seção, faz-se uma incursão pelas noções de pós-verdade e de negacionismo científico e, a partir de três obras contemporâneas, sugere-se que se evite a definição dos fenômenos a partir da ideia de negação. Na seção seguinte, já tendo limpado o terreno com a ajuda das contribuições contemporâneas, faz-se um recenseamento das atitudes possíveis de uma antropologia da pós-verdade e do negacionismo científico. Nesse tópico, são pontuadas questões que conectam o interesse antropológico recente pelo tema da pós-verdade e aspectos que estiveram na origem da disciplina no século XIX. O texto¹ também levanta questões metodológicas ligadas à pesquisa sobre o negacionismo. Por último, na seção intitulada “Elementos para uma antropologia da pós-verdade” são abordados três temas principais: o modo como os negacionistas científicos se autorrepresentam, a relação entre o diagnóstico da “crise da confiança na ciência” e a noção de desinformação/contrainformação e, finalmente, alguns arranjos explicativos típicos das teorias da conspiração.

A propósito deste artigo, vale observar dois pontos: o texto funciona como um conjunto de reflexões introdutórias para antropólogos interessados na pós-verdade e no negacionismo e deve ser lido nesses termos; acrescento que, ainda que o título nos remeta ao campo da Antropologia, é possível que as observações trazidas aqui possam ter valor para as áreas vizinhas, como a Sociologia e a Ciência Política. As duas disciplinas – e talvez isso possa ser extrapolado para as Ciências Humanas de modo geral – partilham com a Antropologia a dupla tarefa de, a um só tempo, desenvolver uma compreensão da pós-verdade e tentar sobreviver institucionalmente enquanto ciências aos seus efeitos.

“PÓS-VERDADE” E “NEGACIONISMO CIENTÍFICO”: LIMPANDO O TERRENO

Embora as expressões “pós-verdade” e “negacionismo científico” tenham sido incorporadas às produções de acadêmicos ligados aos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia e à Antropologia, as expressões, enquanto tais, designam de modo muito impreciso o estado no qual passamos a viver a partir de 2016, qual seja, um contexto de dispersão intensa de teorias conspiratórias e o espraio do negacionismo para campos muito diversos.

À luz do acumulado de reflexões que já se fez sobre os referidos temas nas Ciências Humanas, aparentemente a continuidade do uso de “pós-verdade” e de “negacionismo científico”, enquanto expressões, se deve muito mais à inércia e à utilidade política de palavras que capturam bem o nosso mal-estar, do que propriamente a um debruçar sobre a qualidade desses conceitos em face da reflexão sobre a ciência que já desenvolvemos.

Os problemas com a incorporação das duas expressões sem as devidas ponderações passam, principalmente, pelo fato de se definirem negativamente em relação à verdade e aos fatos científicos. Logo, a pós-verdade seria, então, o resultado de uma configuração societal na qual a “verdade” importa pouco. O mesmo se repetiria em relação ao uso corrente da expressão “negacionismo científico”, que designaria uma conduta marcada pelo ignorar obstinado dos fatos.

As questões com estas definições negativas são múltiplas. Em primeiro lugar, as definições da pós-verdade e do negacionismo por oposição à Ciência, à Verdade, e aos Fatos podem terminar conjurando uma visão de ciência reificada (Sá; Almeida, 2020), sobre a qual o Campo CTS já dedicou longos anos de debate em diferentes tradições, que cobrem um amplo espectro teórico e que vão desde formas positivistas ou neopositivistas de perceber a atividade científica, até outras, interessadas em pensar a ciência como prática e em se debruçar sobre os determinantes sociopolíticos do processo de produção e de validação de teorias. Logo, parece importante se perguntar em que medida os conceitos de “pós-verdade” e de “negacionismo científico” terminam por sacrificar o trabalho sobre o qual temos nos debruçado em favor do empréstimo de palavras que se encontram à mão.

O segundo inconveniente do uso das definições negativas é que elas podem terminar ignorando o solo no qual realmente pisamos, qual seja, uma condição civilizacional difusa marcada pela produção de mundos alternativos. Isto é, o que chamamos de “negacionismo científico” e de “pós-verdade”, embora certamente comporte a negação de enunciados tomados como válidos por comunidades científicas, parece estar mais próximo de uma situação societal marcada pela presença de um conjunto de aparatos secretores de realidades alternativas catalisadas pela facilidade com que se espalham em ambientes digitais, com diferentes graus de aderência por parte de uma audiência/público, que age como colaboradora (Kalpokas, 2019) em tais processos.

Tendo as considerações acima em conta, nas linhas seguintes quero apresentar três perspectivas nas Ciências Humanas que caracterizam a pós-verdade como um fenômeno ativo e que, ainda que se valham das expressões acima comentadas, o fazem de modo não ingênuo. Eu me refiro às teses das pesquisadoras brasileiras Alyne Costa e Letícia Cesarino e do cientista político lituano Ignas Kalpokas. Tal literatura situa a emergência da pós-verdade como um processo cuja amplitude ultrapassa aquilo

que muitos entre nós tomamos por bolsões ou redutos de paranoia e de irracionalismo e, de certa feita, limpa o terreno de confusões conceituais. Por isso, peço licença aos leitores para expor as perspectivas com algum grau de detalhe.

No artigo intitulado “Negacionistas são os outros? Verdade, engano e interesse na era da pós-verdade” (2021b), Costa desenvolve uma tese que, de algum modo, entra em rota de colisão com alguns debates que o campo dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia promoveu à época da emergência da expressão pós-verdade, em 2016. Após a eleição de Donald Trump, diferentes autores vinculados à área (Sismondo, 2017; Collins; Evans; Weinel, 2017; Lynch, 2017) se perguntaram pelos vínculos possíveis entre os efeitos das teses que suportavam a ideia da ciência como uma construção social e histórica, ou mesmo do relativismo epistêmico mais radical, materializado, por exemplo, no artigo “Estágios do Programa Empírico para o Estudo do Relativismo” (Collins, 1981), na catalisação de um processo ampliado de questionamento da ciência.

Se normalmente tendemos a pensar a era da pós-verdade como um contexto no qual os fatos científicos são negados em favor dos chamados fatos alternativos, Costa identifica uma espécie de substrato comum a negacionistas e cientistas. Nos termos da autora, “diversas pesquisas recentes mostram que o posicionamento daqueles que chamamos de negacionistas também é orientado pela preocupação em se proteger do engano” (Costa, 2021b, p. 306).

A autora recupera a noção nietzschiana de “vontade de verdade” para defender que o “negacionismo é um dos efeitos perversos da concepção de ciência como proteção contra o engano” (p. 308). Em outro artigo, intitulado “Da verdade inconveniente à suficiente: cosmopolíticas do antropoceno” (Costa, 2021a), Costa coloca a questão nos seguintes termos: “Quão desolador não seria descobrir que, apesar de nossas melhores intenções, temos mais em comum com os negacionistas do que gostaríamos” (Costa, 2021a, p. 46). De tal forma a pensar o problema, Costa propõe uma espécie de outra mirada sobre o tema da verdade. Amparando-se no trabalho de Latour, Barbara Cassin e Gilles Deleuze, no artigo de Costa a verdade seria configurada como “uma verdade suficiente para” (Costa, 2021b, p. 329). Ou, de outra forma, a autora nos convida, aqui dialogando mais diretamente com Latour, para abandonarmos o exercício infrutífero do *debunking* em favor da tarefa de “engajar as pessoas em torno dos fatos” (p. 325).

Ainda que em um diapasão completamente diferente, Letícia Cesarino é outra pesquisadora brasileira que reconhece no conspiracionismo um fenômeno societal cujos fundamentos estão espalhados por todo o tecido social. No artigo “Pós-verdade e crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética”, depois de fazer uma espécie de releitura de duas importantes obras de Thomas Kuhn e de Bruno Latour, de tal modo a identificar um

substrato comum às suas descrições sobre a ciência – “produzir ordem, por meio da confiança social em um sistema de peritos” (Cesarino, 2021, p. 77) –, Cesarino sustenta uma aproximação entre a pós-verdade e o neoliberalismo. Nos seus próprios termos: “o que tratamos como fenômenos distintos são ângulos diferentes sobre uma mesma ordem emergente” (Cesarino, 2021, p. 85). Ou ainda:

Essas atitudes epistemológicas emergentes buscam verificar a verdade não por meio dos controles e dos procedimentos fixados pelas estruturas neguentrópicas modernas (notadamente, a ciência, a imprensa profissional e as instituições do estado democrático de direito), mas da experiência pessoal e imediata, eles causais ocultos, e pertencimento identitário do tipo antagonístico (Cesarino, 2021, p. 79).

O cientista político Ignas Kalpokas, por seu turno, sustenta que a pós-verdade é uma condição civilizacional, um “atributo geral de nossos tempos” (Kalpokas, 2019, p. 42), um tipo de “ficção escapista” (Kalpokas, 2019, p. 13). Em suas próprias palavras, a “pós-verdade não envolve descartar a verdade para abraçar mentiras; ela se refere, ao contrário, a um borrar da distinção entre as duas” (p. 2).

Feitas essas ponderações iniciais sobre as noções de pós-verdade e de negacionismo científico, temos condições de prosseguir com a discussão de algumas condutas antropológicas possíveis em relação ao fenômeno. Como se verá, alguns itens abordados são agendas de pesquisa já perseguidas. Outros, como a discussão que nomeei de “pulsão adormecida da disciplina” são, na verdade, tentativas de antecipar questões que podem ocorrer a alguém adentrando no terreno da antropologia da pós-verdade.

TATEANDO ALGUMAS CONDUTAS ANTROPOLÓGICAS POSSÍVEIS

Ainda que Didier Fassin tenha nos alertado que “eles não são nem um fenômeno único, nem um fenômeno novo” (Fassin, 2021, p. 130), os conspiracionistas e os negacionistas de toda sorte passaram recentemente a ser um tema caro à antropologia. Diante de suas elaborações, corremos para compreendê-los. É que as suas hipóteses tomadas por absurdas, antes confinadas aos fóruns, como o 4CHAN, e a outros pequenos redutos conspiratórios, como lista de e-mails de ufólogos, canais de comunicação de terraplanistas e demais zonas de reprodução complotistas, parecem ter se naturalizado e se convertido em um “idioma normalizado” (Harambam; Aupers, 2015, p. 1).

O último ponto foi observado por diferentes autores. Barkun (2016), por exemplo, comenta que “ideias marginais que estavam segregadas em subculturas insulares agora atravessam a fronteira e se tornam parte do *mainstream*” (Barkun, 2016, p. 4). Já nos termos de

Grodzicka; Harambam (2021), “as teorias da conspiração se deslocaram das margens do discurso público para o centro” (Grodzicka; Harambam, 2021, p. 1).

Quando se pensa o tema da pós-verdade à luz dos interesses pregressos da Antropologia, é possível que o pesquisador se pergunte se não está a buscar entre os conspiracionistas e os negacionistas científicos outra vez o espaço para o aparecimento de discussões completamente varridas do campo desde a primeira metade do século XX, isto é, aquelas atinentes ao caráter irracional, absurdo e enganoso de certas práticas e de certas concepções de mundo em relação a um conjunto de valores compartilhado por um grupo.

A discussão pré-relativista sobre o caráter absurdo ou enganoso das práticas, como sabemos, esteve abrigada em um dos pilares da antropologia norte atlântica desenvolvida a partir da segunda metade do século XIX, o conceito de “sobrevivências”. Nas últimas décadas do referido século, a Antropologia vitoriana fez das práticas que o analista reputava como em descompasso com o grau de desenvolvimento de sua sociedade urbano industrial, como histórias que envolviam práticas de magia simpática ou de animais que falavam, estes aspectos tomados como irracionais em relação ao conjunto geral de comportamentos e assunções, material com o qual o investigador poderia aprender. Isto é, embora aos seus olhos não fizessem sentido, tais histórias e práticas revelavam resquícios de estágios anteriores da Cultura. O investigador que se voltasse a elas, portanto, atirava no que via e acertava no que não via, pois o caráter estranho de elaborações fabulosas sobre pássaros que falavam ou sobre elos simpáticos entre coisas, era uma espécie de órgão vestigial, um resquício, cuja presença importava pouco, mas revelava muito. O que James Frazer chamou de “superstições” no conhecido trecho de sua aula de 1908, na qual proferiu que “a religião de uma geração está apta a se tornar a superstição da próxima” (Frazer, 1908, p. 16), lançava luz sobre aquilo que efetivamente interessava aos pesquisadores evolucionistas: a descrição dos estágios.

Ante o exposto, ao tomar as elaborações dos negacionistas científicos como objeto, pode-se perguntar se não se está atendendo a uma pulsão esquecida da disciplina: o interesse por uma diferença irreduzível, por uma incomensurabilidade de perspectivas que, de alguma maneira, precisaria ser endereçada.

Se, ao tomar os negacionistas científicos como objeto, o analista pode se ver diante da possibilidade de ser acusado de estar reavendo o que chamei de pulsão esquecida da disciplina, esta não parece ser a única questão que ele enfrenta. Se assumimos que vivemos em um tempo no qual a Antropologia se converteu, para usar uma expressão de Rita Segato, em uma “disciplina sem objeto” (Segato, 2006, p. 228), pode-se querer defender que os negacionistas habitariam *ainda* um domínio no qual a objetificação não necessariamente representaria

um problema. Afinal de contas, talvez poucos os queiram como interlocutores e um número muito menor esteja, de fato, preocupado se as suas descrições etnográficas correspondem à visão que estes indivíduos têm de si. Na verdade, pode-se inclusive ponderar que, se a imagem que o analista faz dos negacionistas científicos coincide com o retrato que estes têm de si estaríamos diante de um problema de credibilidade do próprio antropólogo.

A questão levantada no parágrafo anterior, isto é, aquela concernente ao desenvolvimento de pesquisas etnográficas sobre grupos com os quais o investigador não partilha os mesmos pressupostos ou, em relação aos quais se coloca em aberta oposição foi endereçada por Harding (1991), Dias (2018), entre outras autoras. De alguma forma, a situação que se impôs a Adriana Dias, pesquisadora de coletivos neonazistas, talvez possa se colocar aos interessados no negacionismo científico: “Eu precisava reproduzir e descrever aquele “mundo” com autenticidade, embora não percebesse nenhuma autenticidade nele” (Dias, 2018, p. 269).

Até aqui temos dois pontos: a possibilidade de a Antropologia sobre o negacionismo ser alvo de observações que a equacionem com a pulsão esquecida da disciplina; e as dificuldades metodológicas inerentes à própria realização da pesquisa com negacionistas científicos. Vale agregar a esses dois pontos certa dificuldade de se conduzir a discussão teórica sobre os negacionistas dentro dos quadros de tradições contemporâneas, como são a virada ontológica e o pensamento decolonial, tradições estas que, apesar de bastante distintas em termos de orientação, primam por conferir “prioridade epistêmica” (Funéz-Flores, 2022) ao pensamento de nossos interlocutores.

Assim, se não nos interessa experimentar com os seus mundos de tal modo a arejar/alterar os nossos, como prevê o programa da virada ontológica expresso no manifesto das Políticas da Ontologia (Holbraad; Pedersen; Viveiros De Castro, [2014] 2019), e muito menos formar com os negacionistas alianças para construir outros mundos, alguém que esteja iniciando a pesquisa sobre o negacionismo científico se vê diante de duas opções mais evidentes: “é preciso compreendê-los”, diriam uns, reativando a máxima de que qualquer grupo social é digno de ser objeto de uma etnografia; “É preciso dissuadi-los e desmobilizá-los”, dirão outros .

Com a primeira opção, agimos dentro do conhecido e transplantamos as nossas ferramentas e métodos da Antropologia para outro terreno. Nesse caso, temos à nossa disposição obras que, pelo menos desde a década de 80, pavimentaram o caminho. Aqui me refiro aos trabalhos que investiram sobre a descrição do pensamento conspiratório *de nicho*. Um exemplo é o livro organizado por Battaglia (2005), que contém diversas contribuições que se voltam ao universo dos ufólogos. Outras fontes são os trabalhos como os de Susan Lepselter (Lepselter, 2016), que etnografou conspiracionistas no povoado de Rachel, Nevada, uma

espécie de *trailer park* nas redondezas da área 51. Ou Dean (1998), interessada no conspiracionismo envolvendo *aliens* nos Estados Unidos. No caso de formas de negacionismo que se amigam com o repugnante, como são os fascismos e os supremacismos, o autor de referência na antropologia mais clássica parece ser Crapanzano (1985) e seu estudo sobre os racistas sul-africanos.

A segunda opção – aquela que se volta para a desmobilização – interessa-se menos por oferecer uma descrição etnográfica dos coletivos conspiracionistas e de diferentes formas abraça, na escrita, a certa vertente da crítica. Falo em certa vertente porque, naturalmente, seria bastante ingênuo equacionar todo e qualquer acionamento da noção de crítica nas Ciências Sociais ao conceito, apresentado a seguir, de desmascaramento. Uma breve consulta aos textos de Latour (2004) e Fassin (2017) revela a complexidade do debate em torno do que o último autor qualifica como a “crítica da crítica” (Fassin, 2017, p. 4).

Feita esta ponderação, na segunda opção mencionada, a atividade não se define enquanto uma tentativa de descrição dos contornos e se assemelha mais ao *debunking* (desmascaramento), isto é, à recusa de suas teses e ao movimento de desmascarar as suas mentiras. Aqui é importante estar atento a três questões: a primeira consiste em se perguntar se, tendo deixado para o segundo plano o compromisso com a descrição e abraçado o processo de desmascaramento, ainda estaríamos dentro dos confins da Antropologia. A esse propósito talvez se possa ponderar que a história da disciplina conta com exemplos de episódios nos quais, a descrição *per se*, não era o objetivo principal da obra, à exemplo do trabalho de Ruth Benedict sobre o Japão (Benedict, [1946] 1974).

A segunda consiste em se perguntar se, diante do pequeno número de etnografias antropológicas que chega a um público leitor mais amplo, vale a pena utilizar esta modalidade de pesquisa como ferramenta para o desmascaramento. A terceira é que não é incomum que, no exercício da desconstrução dos sistemas conspiracionistas termine-se mobilizando a já mencionada imagem pouco sofisticada da ciência que nós, antropólogos, pelo menos desde a década 70, trabalhamos muito para desestabilizar.

Aqui me refiro, obviamente, ao campo da Antropologia da Ciência, mas não só. A área dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia recusou muito sistematicamente a descrição da ciência enquanto uma força transcendente e, de diferentes formas, se voltou para a análise da produção de evidências em laboratórios, para a identificação de compromissos sociais presentes em comunidades científicas e para os determinantes sociológicos do processo de validação de teorias (Latour, 1997; Knorr-Cetina, 2005; Traweek, 1988).

A depender do modo como o exercício de desmascaramento for feito e a depender da imagem de Ciência a qual se recorra, ao tentar desarmar os sistemas conspiracionistas, corremos o risco de reificar o

próprio conhecimento científico. Ao fazê-lo, não apenas se pode ignorar o trabalho de todo um campo de conhecimento que dedicou a pensar as relações entre ciência e sociedade, como também colocamos em questão iniciativas que vínhamos nutrindo na academia brasileira há algum tempo, como é o caso dos projetos ligados ao Encontro de Saberes, ou mesmo o interesse por formas de diálogo mais aberto entre a Ciência e os chamados conhecimentos tradicionais (Cunha, 2007).

Nesta espécie de tateamento das condutas antropológicas possíveis diante do negacionismo científico há, seguramente, mistos entre as duas atitudes que se revelam na forma do exercício descritivo aliado à crítica implacável. Há também outros caminhos. Aliás, para ser honesto, há tantos caminhos quanto há antropólogos dedicados ao tema: a opção de Pelkmans e Machold (2011) pelo estudo das “trajetórias sociopolíticas ou rotas” (Pelkmans; Manchold, 2011, p. 68) das teorias da conspiração; e o estudo comparativo entre as conformações do conspiracionismo em distintos contextos nacionais. Nessa linha, poderíamos, por exemplo, comparar o terraplanismo brasileiro descrito por (Holanda, 2023) às configurações do terraplanismo argentino baseando-nos na etnografia de López (2020); outra alternativa consistiria na procura de certa zona de vizinhança entre processos de constituição próprios ao negacionismo e ao conspiracionismo e as etnografias que se voltaram para o tema das mentiras e das farsas. Encontramos farto material para isso nos trabalhos de Govindrajan (2018), que escreveu sobre as mentiras nas eleições locais indianas, e Bubandt (2009), que estudou o lugar da farsa no contexto de violência religiosa na Indonésia nos anos 90.

Na linha das comparações transculturais, ecoando outras obras, o já citado antropólogo Didier Fassin sugere inclusive certo paralelismo entre a lógica da conspiração e a lógica de feitiçaria:

As duas implicam uma busca sistemática de explicação da adversidade (não pode acontecer por acaso), uma capacidade de encontrar evidência (interpretando uma variedade de eventos), a existência de uma força maléfica (alguém está lá fora manipulando o destino), a sua pertença a sociedades secretas (conspiracionistas e bruxos raramente andam sozinhos), o desenvolvimento de um sistema acusatório (que pode expor não apenas o acusado, mas também o acusador a perigos) (Fassin, 2021, p. 131).

As homologias entre o conspiracionismo e a feitiçaria são detalhadamente exploradas por Rabo (2020) em seu trabalho intitulado *Conspiracy Theory and Anthropology*. A partir do exame da obra de Peter Geschiere, uma figura importante nos Estudos Africanos voltada ao estudo da feitiçaria nos Camarões, ela nos mostra que, se a princípio a comparação entre os dois fenômenos parece inusitada – na medida em que se supõe que as acusações de feitiçaria normalmente pesam

mais sobre pessoas próximas – Geschiere haveria constatado que, em Camarões, tais acusações agora se dirigiam a “figuras políticas e indivíduos que tiveram sucesso econômico” (Rabo, 2020, p. 87). Isso é afim ao raciocínio conspiratório que, conforme coloca Susan Lepselter (Lepselter, 2016), frequentemente utiliza o pronome “Eles” para se referir ao complô formado por elites mundiais.

Daniel Alves de Jesus Figueiredo (2023) é outro autor que realiza um “experimento” (Figueiredo, 2023, p. 83) de “comparação possível entre feitiçaria, boatos e fake news” (Figueiredo, 2023, p. 83). Ancorado em uma sólida etnografia na região de Nampula, no norte de Moçambique, o autor parte de uma oposição. De um lado, na “discursividade moderna” (Figueiredo, 2023, p. 83) “[a] verdade está na transparência do visível na política, dos fatos científicos” (p. 91). Na “discursividade da feitiçaria” (p. 83), “a verdade não se dá transcendente e não deve ser acessível a todos, pois o poder está no oculto” (p. 93). Seu argumento consiste em pensar “a dinâmica da produção de incertezas na pós-verdade como uma discursividade feiticeira” (p. 95).

Nas linhas acima, avantei a possibilidade dos estudos sobre a pós-verdade serem criticados por estarem reativando uma pulsão adormecida da disciplina e indiquei o desafio metodológico que é trabalhar com coletivos críticos à própria atividade do antropólogo. Em seguida, apresentei brevemente certo repertório disponível na área, aquele relativo ao “conspiracionismo de nicho”, para descrevê-los e levantei a questão da relação entre Antropologia e desmascaramento. O próximo passo foi tatear algumas zonas de vizinhança entre o estudo do negacionismo científico e da pós-verdade e outros temas, como a feitiçaria e as farsas.

Na seção seguinte, apresento um conjunto de observações que são fruto da experiência adquirida ao estudar comunidades de ufólogos (Almeida, 2015), ao acompanhar terraplanistas nas redes digitais e, fundamentalmente, do conhecimento acumulado na literatura mais geral sobre o negacionismo e a pós-verdade. Chamo os comentários a seguir de “elementos para uma antropologia da pós-verdade”. Com a palavra “elementos”, contudo, não desejo indicar que estou a apresentar os componentes fundamentais de uma suposta teoria sobre o tema. Entendo-os mais como pequenas peças ou como recursos úteis que podem balizar análises futuras sobre o assunto.

ELEMENTOS PARA UMA ANTROPOLOGIA DA PÓS-VERDADE

OS NEGACIONISTAS CIENTÍFICOS NÃO SE AUTORREPRESENTAM COMO ANTICIÊNCIA

De modo geral, os coletivos que descrevemos como negacionistas científicos não se autorrepresentam como anticiência (Hess, 1993; Harambam; Aupers, 2015; Almeida, 2015; Costa, 2021b). Essa é uma constatação amplamente difundida na literatura sobre o “conspiracionismo de nicho” e que vem sendo atualizada para se pensar o tema da pós-verdade. É o que se dá a ver neste trecho de Alyne Costa: “o que os seus adeptos negam não é “a ciência”, mas sim determinadas práticas e enunciados dos quais se duvida que sejam verdadeiramente científicos” (Costa, 2021b, p. 307).

Aliás, a propósito da ciência, são comuns entre negacionistas afirmações que indicam que eles se autopercebem como aqueles que acessam a “verdadeira ciência” (Cesarino, 2021; Almeida, 2023a), não mascarada, intocada pelos interesses da esquerda e da universidade. No processo de se afirmarem enquanto os interessados em uma ciência supostamente não contaminada, os negacionistas se engajam na produção ativa de outro mundo, uma espécie de nicho muito próprio, não redutível a uma simples negação da ciência. Em seus processos de constituição, estes indivíduos por vezes recorrem a fragmentos de obras científicas, artigos publicados em revistas obscuras e filósofos alternativos. Em muitos casos, podem colocar em prática um verdadeiro exercício mimético (Almeida, 2015; Holanda, 2023), isto é, emulam métodos e procedimentos que atribuem aos cientistas. A propósito dos métodos, os negacionistas e conspiracionistas defendem que sejam utilizados da forma correta, livres dos “dogmatismos” que, segundo Harambam e Aupers (2015, p. 6) atribuem aos cientistas.

Considerando o quadro que se desenhou acima, marcado por afirmações dos próprios negacionistas e conspiracionistas de que eles também estão fazendo ciência, é comum que nós, os cientistas, queiramos nos posicionar como aqueles que, de fato, construímos a atividade científica. Nesse exercício, terminamos por elencar características estáveis que, muitas vezes, se confundem com um “ideal normativo” de ciência. De tal modo que o desafio para a análise consiste em pensar a pós-verdade sem:

aceitar que a ciência possui uma identidade, uma identidade epistemológica. Uma identidade a partir da qual decorreriam imperativos a priori de racionalidade e objetividade e que nos permitiriam especificar a priori as condições para um problema ser colocado de maneira ‘científica’ (Stengers, 2000, p. 42).

Ou ainda, uma teoria da pós-verdade deve construir uma abordagem para pensar o contemporâneo que, caso recorra à oposição entre ciência e anticiência, precisa fazê-lo de forma não ingênua.

Essa tarefa está longe de ser simples e, como indiquei na primeira seção, envolve inclusive certo investimento sobre os conceitos que empregamos. Para além dos conceitos, há um desafio envolvendo a própria descrição e que pode ser sumarizado da seguinte forma: como desenhar uma etnografia sobre um coletivo que se constrói em relação à ciência, isto é, no qual abundam comparações nativas entre a sua prática e a academia, sem estabilizar ou congelar na análise propriedades essenciais do que viria a ser a ciência?

Dando continuidade à discussão sobre a percepção comum de pessoas que aderem ao negacionismo científico e às teorias da conspiração sobre a ciência, passemos agora a um tema correlato, o da imagem comum que fazem dos cientistas. Estes são frequentemente retratados como dogmáticos (Harambam; Aupers, 2015, p. 6), pouco práticos, defensores fanáticos dos seus próprios interesses e insensíveis à realidade das ruas. Nas versões dos que aderem às teorias da conspiração, ou bem os acadêmicos são caracterizados como reprodutores de um saber pouco crítico, capturados inconscientemente pela própria trama que os adeptos querem denunciar, ou são tratados como partes conscientes do processo de “manipulação” operado por outros atores ocultos.

No caso particular dos ufólogos (Almeida, 2015), são recorrentes os apelos pela abertura da ciência para o não visto e se indica constantemente a necessidade de se evitar o que categorizam como “academicismo”. Deve-se ter em mente que o retrato dos cientistas como dogmáticos, que hoje povoa o ambiente da pós-verdade, já aparecia em outros coletivos críticos à ciência desde a década de 80. É o que lemos, por exemplo, na obra de Hynek, conhecido ufólogo americano, que declarou “A ciência nem sempre é aquilo que os cientistas fazem” (Cross, 2000), em clara alusão ao tema da “verdadeira ciência” trabalhado no tópico anterior.

A crítica ao academicismo e a caracterização dos intelectuais como dogmáticos talvez possa ser iluminada pela literatura sobre o anti-intelectualismo. O tema foi inicialmente identificado por autores como Umberto Eco em contextos historicamente qualificados como fascistas.

Da declaração atribuída a Goebbels (“Quando ouço falar em cultura pego logo a pistola”) ao uso frequente de expressões como “porcos intelectuais”, “cabeças ocas”, “esnobes radicais”, “As universidades são um ninho de comunistas”, a suspeita em relação ao mundo intelectual sempre foi um sintoma do Ur-Fascismo. (Eco, [1997]2019, p. 59).

Para pensar as qualificações que negacionistas científicos e indivíduos que aderiram às teorias da conspiração fazem dos cientistas no contexto da pós-verdade, pode-se recorrer a outro conceito, desta vez desenvolvido por Theodor Adorno, a noção de anti-intracção, que o autor entende como a “oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo” (Adorno, [1975] 2019, p. 135). No trecho citado a seguir vemos que o exemplo de comentário fornecido por Adorno para nos explicar a expressão “anti-intracção” descreve com muita precisão a zona sombria entre enunciados comuns no contexto da pós-verdade e certas características identificadas pelos estudiosos do fascismo: “O homem de negócios e o industriário são muito mais importantes para a sociedade do que o artista e o professor” (p. 186).

De forma complementar, note-se que a definição de “anti-intracção” apresentada por Adorno é homóloga ao modo segundo o qual o historiador americano Richard Hofstadter define o anti-intelectualismo: “um ressentimento e uma suspeita em relação à vida mental e em relação àqueles que são considerados como os seus representantes” (Hofstadter, 1963, p. 7).

É curioso que esta oposição à universidade se soma a um traço apontado no subtópico anterior, isto é, a afirmação de alguns indivíduos conspiracionistas de que estariam também fazendo ciência, por oposição aos cientistas titulados que, em sua percepção, estão governados por interesses.

A CRISE DE CONFIANÇA NA CIÊNCIA E A NOÇÃO DE DESINFORMAÇÃO

Um dos diagnósticos muito comuns que emerge quando se discute a noção de pós-verdade passa pelo recurso à ideia de uma crise de confiança na ciência. Segundo Tatiana Roque (2021), o *Wellcome Global Monitor*, de 2018, oferece-nos um diagnóstico sobre o problema na América Latina. A última pesquisa revelou que “a categoria dos céticos, que é definida como aquele grupo que acha que a ciência não os beneficia, nem beneficia pessoas como elas na sua região, é na América Latina de 1/4 da população” (Roque, 2021, p. 24).

Só o tema da confiança na ciência renderia todo um novo artigo, mas me parece fundamental observar que, desde as publicações de Merton ([1938] 2013), no final da década de 30, a hostilidade à ciência vem sendo discutida nas Ciências Sociais. Mais recentemente, ao abordar o tema, Freitas (2021) observou que:

[...] para que se possa falar propriamente de crise de legitimidade da ciência nesse caso, seria necessário que os negacionistas se mostrassem capazes de criar um ambiente de hostilidade à ciência ao qual os cientistas tivessem que reagir de alguma forma para se acomodar ao ambiente (Freitas, 2021, p. 54).

Freitas não chega a emitir um veredito se estaríamos ou não na referida crise, mas o faz a propósito da Alemanha entre os anos de 1918 e 1933. Compreendo que o texto de Freitas está informado por uma concepção muito particular de “crise”. Em seu argumento, há crise em “um ambiente que lhe seja hostil a ponto de lhe impor uma mudança drástica de rumos” (Freitas, 2021, p. 65). Eu me pergunto se não seria oportuno incorporar a esta definição mais econômica de crise as ameaças institucionais à ciência que se dão na forma da retirada de financiamentos públicos para a pesquisa, no ataque aberto a pesquisadores e uma desconfiança em relação aos cientistas e à academia.

No caso da entrevista de Tatiana Roque, a solução apresentada pela professora para o problema da crise de confiança passa pela aposta na divulgação científica e por um reposicionamento da ciência perante os problemas de nosso tempo. Esse encaminhamento me parece obviamente interessante. Mas, por outro lado, é importante que evitemos a percepção de que os ataques às universidades, aos cientistas e aos seus subprodutos por negacionistas científicos derivem exclusivamente do que quer que se chame crise de confiança. Pois se há algo que caracteriza o contexto contemporâneo, aquele que se nomeia de um contexto de pós-verdade, é a complexidade do processo de desinformação e o modo como ele informa os negacionistas científicos. Apontar esse elo é interessante para as pesquisas sobre o negacionismo porque introduz certa dimensão intencional ou deliberada naquilo que parecem ser fenômenos puramente espontâneos.

Aqui não me refiro à palavra desinformação no sentido de “informação errada”, mas no sentido de contrainformação, termo muito afim ao idioma da espionagem e que remete ao deliberado envio de informações falsas na expectativa de construir um cenário favorável ao emissor. O que caracteriza a contrainformação, portanto, é o caráter intencional, forjado, montado e dirigido a uma audiência dessas operações.

Para pensar a ideia de contrainformação, recorrerei a um artigo de Piero Leirner (2020). Embora a definição a seguir se volte ao tema da “guerra híbrida” (Leirner, 2020, p. 42), acredito que ela possa passar perfeitamente como uma descrição do que vem a ser a contrainformação.

O ponto central que emerge deste diagrama é a ideia que os dois primeiros elementos do ciclo devem ser atacados: a “observação e orientação do inimigo”. O objetivo é introduzir fraturas no último e, então, produzir “dissonâncias cognitivas”, permitindo a aquele que ataca controlar as decisões e ataques do inimigo sem que ele tenha consciência disso (Leirner, 2020, p. 45).

Nos termos de Leirner, o agente da contrainformação é aquele que “possui a ‘chave criptográfic[a]’ das ‘bombas semióticas’ que são lançadas” (Leirner, 2020, p. 45). Mesmo assim, a contrainformação opera a partir do que o autor chama de “células descentralizadas” (p. 45). Ainda acompanhando o autor, a desinformação é “rizomática” (Leirner, 2020,

[p.45]) por natureza e, se há um órgão central emissor da informação, ele deve se manter “dissimulado” (p. 45). Este produz os seus efeitos a partir de um conjunto de replicadores autônomos, que introduzem gradientes de diferença em suas mensagens.

A noção de contrainformação, tal como trabalhada a partir dos apontamentos de Leirner, parece-nos central para compreendemos a complexidade do que se chama de pós-verdade. Se por um lado, o que caracteriza este tempo é sim o “aumento da entropia, ou desorganização, do ambiente informacional, com sua concomitante reorganização em novas formas epistêmicas ainda emergentes” (Cesarino, 2021, p. 75), neste ambiente navegam atores com capacidades diferentes de produzir cenários.

Refraseando o que foi dito acima, à luz do trabalho de Piero Leirner uma analítica da pós-verdade se beneficia ao levar em conta diferenças de força, estratégia, recursos e capilaridade dos atores que ocupam a cena pública. Isto é, não se pode aderir à imagem de uma dispersão generalizada de vozes, sem levar em consideração que algumas destas vozes têm interesses reais de produzir configurações que lhes parecem favoráveis.

Ao sustentar este ponto estou ciente de que, em alguma instância, a afirmação de que existem atores dotados de mais força e recursos para “produzir cenários” pode, ela mesma, ser lida como um argumento típico dos conspiracionistas, entre os quais é comum ouvir que forças ocultas manejam a realidade aparente.

ARRANJOS EXPLICATIVOS TÍPICOS DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

No espírito do levantamento de elementos para uma antropologia da pós-verdade, quero terminar este texto me detendo mais demoradamente nos arranjos explicativos típicos das teorias da conspiração. Faço isso porque no ambiente da pós-verdade a intensidade de sua circulação parece ter alcançado patamares mais altos do que em anos anteriores e baseado no apontamento de Reichstadt (2016), para quem “[os] argumentos usados por conspiracionistas apresentam analogias muito complicadas com os dos negacionistas” (Reichstadt, 2016, p. 53). O último comentário foi feito a propósito dos negacionistas em relação aos fatos históricos, mas este texto está baseado na suposição de que também há uma forte afinidade entre as teorias da conspiração e os negacionistas científicos.

Antes de continuar, desejo indicar que as observações mais gerais sobre o tema trazidas aqui podem ser complementadas com a visita à literatura específica sobre cada grupo social que se forma em torno das teorias da conspiração. Acrescento também que o campo de estudos sobre esse tema está bastante consolidado nas Ciências Humanas e, por óbvio, não tenho a pretensão de cobrir todas as suas dimensões. Entre as obras

pioneiras está o trabalho de Barkun (2003). Outro guia fundamental é, sem dúvida alguma, o texto de (Harambam; Aupers, 2015). Para um trabalho mais recente e que abriga contribuições de diversas áreas, ver o Routledge Handbook of Conspiracy Theories (2020).

Começo dizendo que teorias da conspiração são sistemas, via de regra, abertos (Harding; Stewart, [2003] 2021) que, do ponto de vista de sua construção, se caracterizam por alguns elementos: busca por aquilo que Patrícia Spyer qualifica de “hiperhermenêutica” (Spyer, 2002, p. 35), isto é, um furor interpretativo contínuo; alta disposição para a incorporação de fatos novos; suposição de forças ou agentes operativos ocultos (Barkun, 2003; Butter; Knight, 2020, p. 1); e dependência do binômio aparência/realidade (Butter; Knight, 2020, p. 4).

Em termos da natureza do enredo ou da trama, embora Barkun (2003) admita três níveis de abrangência – as “conspirações relativas a eventos”, as “sistêmicas” e as “superconspirações” (Barkun, 2003, p. 6) –, o seu escopo explicativo é quase sempre a totalidade dos fatos à disposição, de tal modo que há nas teorias da conspiração o interesse em se constituírem como sistemas totais que, via de regra, podem estar em competição com versões científicas sobre o mundo.

Isso não significa que o idioma da ciência não seja a elas incorporado, a partir de uma mimese muito particular dos seus procedimentos (Holanda, 2023), ou do ressuscitar de versões, cientistas e teorias alternativas para dar suporte ao sistema pré-formado.

Notadamente, há certas zonas de antagonismo com a ciência. Paulo Faltay, que estudou os *Targeted Individuals*, pessoas que acreditam que os seus pensamentos estão sendo controlados por forças ocultas por meios tecnológicos, chama a atenção para o fato de que entre eles “a ciência é apresentada como ferramenta das tramas de grupos conspiradores, como uma ‘arma’ nas mãos das elites poderosas que a usa para exercer controle e influência sobre eles”. (Faltay, 2020, p. 72)

Outro ponto de antagonismo é que os conspiracionistas frequentemente defendem que fatos científicos que supostamente dariam suporte às suas teses foram ignorados em razão da própria operação da máquina que desejam revelar. A relação com a “ciência” se dá ainda no seguinte plano, aquele da canibalização do seu aparato crítico (Latour, 2004), inclusive das Ciências Humanas. Não é incomum encontrar terraplanistas e outras conformações complotistas mobilizando críticas à ciência que utilizam repertórios que pretendem mimetizar de uma forma muito particular aqueles dos próprios Estudos de Ciência (Almeida, 2023b; Holanda, 2023). Ao acompanhar este processo de canibalização do aparato crítico, no entanto, deve-se tomar cuidado para evitar a equalização muito apressada entre aquilo que são críticas soltas e pouco sistemáticas à ciência e trabalhos de análise crítica empreendidos por cientistas sociais profissionais, que frequentemente retiram as suas conclusões de períodos longos de trabalho de campo, de entrevistas e de observações minuciosas.

Em teorias da conspiração prevalece certa compulsão pelo “ainda não visto”, pelo ignorado conscientemente ou não pelos cientistas e pelas pessoas de modo geral. Esta falta, que é basilar para se compreender as socialidades que se constroem em torno dessas teorias, é o motor de seu processo de reprodução. Daí o interesse dos seus adeptos por indivíduos que estiveram do outro lado e que, por isso, possuem uma mensagem significativa: os vazadores, sujeitos como o autoproclamado engenheiro da área 51 Bob Lazar, que decidiram não mais cooperar e que, uma vez fora da estrutura que se mantinha oculta, colocam-se na posição de mensageiros da “do fora”, do “grande sistema invisível”, daquilo que conecta todos os fatos “aparentemente sem sentido”.

As “evidências” da trama que estes trazem são um combustível que se queima rápido, daí o fluxo contínuo de novos “fatos”, de novas versões, de dados frequentemente duvidosos, que se acumulam. São, naturalmente, os fluxos de novos indícios que alimentam tais sistemas, de tal forma que a compreensão das teorias da conspiração deve ser buscada menos em uma lista de “ideias que as integram”, do que na imagem de um conjunto de aparatos que expelem versões sobre o mundo que, a um só tempo alimentam os seus adeptos e são retroalimentados por eles.

Um traço das teorias da conspiração é a alta disposição dos atores nelas engajados para operarem aquilo que se poderia chamar de *recaptura*. Isto é, os sujeitos que as professam e que no bojo destes sistemas operam como indivíduos que têm informações privilegiadas, podem, muito rapidamente, passarem a ser considerados agentes do engodo e do sistema que as teorias da conspiração denunciam. Isso ocorre porque teorias da conspiração são sistemas de suspeita e que se realizam em suas produções na forma de “performances de suspeita”.

Do ponto de vista do sujeito ou das coletividades que a elas aderem, dois pontos precisam ser considerados. Em primeiro lugar, embora Barkun (2016) argumente que “os que acreditam em uma forma de conhecimento estigmatizado têm maior probabilidade de também acreditar em outras formas de conhecimento estigmatizado” (Barkun, 2016, p. 2), as adesões nem sempre se fazem em relação ao conjunto de todas as narrativas de suspeita, de tal forma que encontramos entre estes coletivos que se formam a partir de teorias da conspiração indivíduos mais ou menos dispostos a acatar um maior ou menor número de áreas que tais teorias pretendem cobrir. Assim, pode-se adotar teorias conspiratórias sobre as vacinas, mas, ao mesmo tempo, recusar a narrativa conspiratória sobre a participação dos Estados Unidos no ataque às Torres Gêmeas. Isso pode parecer óbvio para quem já está muito próximo do tema, mas a imagem do indivíduo ligado às teorias da conspiração como um “superconformista” (Merton, 1992) com todo o tipo de conspiração é, na maioria das vezes, imprecisa. Em termos do trabalho etnográfico, a mim me parece interessante documentar as incertezas em relação ao sistema que se adere, as dúvidas e as formas como as teorias da conspiração são enunciadas.

Em segundo lugar, há um componente epifânico (Cesarino, 2021) associado à adoção de teorias da conspiração, que resulta do contato com tais teses, as quais, por sua própria natureza, se tornam matrizes que organizam um largo quinhão da experiência. Em que pese o seu caráter abrangente e a oferta de um idioma que compreende muitas áreas da vida, as teorias da conspiração dão aos seus adeptos a oportunidade de colaborarem como “investigadores”. Conforme observou Letícia Cesarino: “[e]stes usuários se veem como os ‘verdadeiros’ cientistas que, hoje, podem fazer sua ‘pesquisa’ sobre qualquer assunto diretamente na internet”. (Cesarino, 2021, p. 81). Isto é, a natureza aberta ou descentralizada da matriz autoriza o acréscimo de fatos novos, ou outorga a produção de materiais (vídeos, livros, artigos) cuja pretensão é produzir o “despertar” de outros.

Aqui vale anotar que muitos adeptos se empenham em uma atividade verdadeiramente messiânica e acabam se constituindo como “especialistas no campo”, sendo inclusive reconhecidos como tais por seus pares, que passam a lhes dar créditos e, na forma como se organizam as plataformas digitais atualmente, a converter a sua influência em recompensas pecuniárias. Sobre a atividade dos especialistas, o seu trabalho, via de regra, não é outra coisa que um eterno acréscimo de camadas de fatos novos ao sistema – o que Cesarino (2021) chama de uma “lógica aditiva” (2021, p. 82) - trabalho que, normalmente, é tratado pelos pares como “pesquisa”.

Do ponto de vista das relações de cientistas e de conspiracionistas, como já mostraram Harambam; Aupers (2015), malograrão as tentativas de contrariar as teorias da conspiração por meio da demonstração de evidências contrárias às suas teses, pois qualquer movimento no sentido de desfazer o cenário por elas montado será lido na base de uma interpretação sociopolítica das intenções dos que levaram a cabo a iniciativa (Harambam, 2021). Isso ocorre porque, se as teorias da conspiração são sistemas de explicação, elas também são sistemas de produção de mundos, cujos parâmetros nem sempre são comensuráveis com os quais estamos habituados. Assim, vale reforçar, embora certo léxico próprio à ciência seja emulado, evocando palavras como “provas”, “evidências”, “experimentos”, “crítica”, os sistemas conspiratórios contêm leituras muito próprias destes conceitos.

Já quando mencionamos os sistemas de produção de mundos, não nos referimos simplesmente às elaboradas histórias que, por vezes, reúnem seres de outro planeta, comunistas, cientistas, grandes corporações, Illuminatis, experimentos militares, alianças ocultas entre nações, mas ao que Mathijs Pelkmans e Rhys Machold chamam de “trajetórias sociopolíticas das teorias da conspiração” (Pelkmans; Machold, p. 2011, p. 68). Isto é, embora as tramas que constituem as teorias da conspiração mantenham uma relação, por vezes, antagônica com os mundos descritos por cientistas e especialistas, tais sistemas, dependendo de sua capacidade de pulverização entre as audiências

que, igualmente, colaboram para produzi-las, podem constituir cenários políticos e sociais. Isso ocorre seja pelo efeito que as tramas têm sobre os resultados de processos eleitorais ou sobre a sua operação na manutenção do prestígio daquele que foi eleito pelos efeitos da disseminação de tais teorias. Logo, assim que tais teorias da conspiração se materializam nas ações de agentes políticos com capacidades executivas, aquilo que outrora era um cenário desenhado e fictício, se materializa e cria uma paisagem que ecoa os pontos de tais teorias. Assim, uma vez que um agente que antes operava como torre emissora de ideias antivacina chega ao poder, uma política antivacina pode se materializar. Nessa direção, uma agenda de pesquisa importante é aquela desenvolvida por Castro (2021), que demonstrou como “o negacionismo contemporâneo atualiza e diversifica efeitos devastadores de negações históricas de direitos relacionados à saúde da população negra (Carneiro, 2005)” (Castro, 2021, p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, recupero aqui algumas ideias deste texto. Em um primeiro momento, discuti a validade heurística das noções de negacionismo científico e de pós-verdade à luz de três abordagens contemporâneas que se recusam pensar a pós-verdade como um fenômeno de nicho e que a tomam como uma condição civilizacional. Em seguida, tateei algumas condutas antropológicas possíveis para investigadores interessados em discutir o negacionismo e a pós-verdade. Por fim, investi na reflexão de elementos fundamentais para uma antropologia que se volte ao tema da pós-verdade: a complexidade da relação com a ciência; o tema da crise de confiança da ciência aliado às discussões contemporâneas nas Ciências Sociais sobre a desinformação; e os arranjos explicativos das teorias da conspiração. Embora o que foi apresentado no texto esteja longe de uma discussão exaustiva sobre o negacionismo científico, acredita-se que os tópicos trabalhados sejam úteis como pistas iniciais apresentadas em língua portuguesa para investigadores que se debruçarem sobre os temas tratados neste artigo.

Restam, por certo, questões a serem discutidas e que ainda merecem um esforço de investigação particular, como são: as transformações de coletivos conspiratórios e de grupos de paracientistas ao longo do tempo; os processos de fragmentação de grupos conspiratórios; o estudo das trajetórias de indivíduos que praticaram a “apostasia” e são agora desertores, como é o caso dos ex-terraplanistas; a etnografia das “ações antinegacionistas” de caráter governamental; e as transformações da ciência no cenário negacionista. Por fim, um campo que me parece bastante produtivo emerge da mobilização da filosofia de Gilbert Simondon para discutir a natureza das plataformas (Novaes, 2023) e, conseqüentemente, a natureza do negacionismo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Tradução de Virgínia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo. São Paulo, Editora Unesp, [1975] 2019.

ALMEIDA, Rafael Antunes. “**Objetos intangíveis**”: ufologia, ciência e segredo. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALMEIDA, Rafael Antunes. Entre la conspiración, la sospecha y el absurdo: contribuciones para una interpretación del terraplanismo. **Revista Colombiana de Antropología**, v.59, nº3, p.101-124, 2023a.

ALMEIDA, Rafael Antunes. “Eles nos dizem tudo o que está fazendo”: ciência e conspiração nos discursos terraplanistas. **Anuário Antropológico**, v.48, n.2, p.102-122, 2023b.

BARKUN, Michael. Conspiracy theories as stigmatized knowledge. **Diogenes**, v.62, n.3-4, p.1-7, 2016.

BARKUN, Michael. **A culture of conspiracy**: Apocalyptic Visions in Contemporary America. Berkley: University of California Press, 2003.

BATTAGLIA, Debbora. **E.T Culture**: Anthropology in outerspaces. Durham, Duke University Press, 2005.

BENEDICT, Ruth. **The Chrysanthemum and the Sword**: Patterns of Japanese Culture. Scarborough: Meridian, [1946] 1974.

BOLETIM CTS EM FOCO. Ciência, negacionismo e desinformação. **Boletim CTS em Foco**, n. 5, out.-dez. 2021. <https://www.esocite.org.br/images/uploads/2021/10/CTS-em-foco-n-5.pdf>.

BONHOMME, Julien. The dangers of anonymity: Witchcraft, rumor, and modernity in Africa. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v.2, n.2, p.205-233, 2012.

BUBANDT, Nils. From the enemy's point of view: violence, empathy, and the ethnography of fakes. **Cultural Anthropology**, v.24, n.3, p.553-588, 2009.

BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. General Introduction. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. New York: Routledge, 2020.

CASTRO, Rosana. Necropolítica e a corrida tecnológica: notas sobre ensaios clínicos com vacinas contra o coronavírus no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, ano 27, n.59, p.71-90, 2021.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha: Revista de Antropologia**, v.23, n.1, p.73-96, 2021.

COLLEY, Thomas; MOORE, Martin. The challenges of studying 4chan and the Alt-right: 'Come on in the water's fine. **New Media & Society**, v.24, n.1, p.5-30, 2020.

COLLINS, Harry. Stages in the Empirical Program of Relativism. **Social Studies of Science**, v.11, n.1, p.3-10, 1981.

COLLINS, Harry; EVANS, Robert; WEINEL, Martin. STS as science or politics. **Social Studies of Science**, v.47, n.1, p.1-7, 2017.

COSTA, Alyne. Da verdade inconveniente à suficiente: cosmopolíticas do antropoceno. **Cognition-Estudos: revista eletrônica de filosofia**, v.18, n.1, p.37-49, 2021a.

COSTA, Alyne. Negacionistas são os outros? Verdade, engano e interesse na era da pós-verdade. **Principia**, v.25, n.2, p.305-334, 2021b.

CROSS, Anne. **A confederacy of faith and fact: UFO Research and the Search for Other Worlds**. 2000. 237f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Yale University, New Haven, 2000.

CROWLEY, Tony. **Keywords: Post-truth**. Keywords: journal of cultural materialism, n.15, p.91-93, 2017.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, v.75, p.76-84, 2007.

CRAPANZANO, Vincent. **Waiting: the whites of south Africa**. New York: Random House, 1985.

DEAN, Jodi. **Aliens in America: Conspiracy Cultures from outerspace to cyberspace**. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane**. Tese. (Doutorado em Antropologia) Universidade de Campinas, Campinas, 2018.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, [1997] 2019.

FALTAY, Paulo. **Máquinas Paranoides e sujeito influenciável: conspiração, conhecimento e subjetividade em redes algorítmicas**. Tese. (Doutorado em Comunicação em Comunicação e Cultura), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FASSIN, Didier. The endurance of critique. **Anthropological Theory**, v.17, n.1, p.4-29, 2017.

FASSIN, Didier. On plots and Men: The heuristics of Conspiracy Theories. **Cultural Anthropology**, v.62, n.2, p.128-137, 2021.

FEFFER, Izabela Henriques; VICENTE, André Luiz Coutinho; VIEIRA, Jaqueline de Araújo. "Contra fatos não há argumentos": negacionismo, conspiração e política em torno do caso de Ratanabá. Comunicação oral apresentada na **IX Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**, Goiânia, Goiás, 2023.

FIGUEIREDO, Daniel Alves de Jesus. **Entre o visível e o invisível:** imagens de poder e composição da política em Nampula, Moçambique. Tese. (Doutorado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

FIGUEIREDO, Daniel Alves de Jesus. O que os negacionismos negam? Gestão do oculto e produção da verdade a partir de uma etnografia da política no norte de Moçambique. **Anuário Antropológico**, v.48, n.2, p.82-101, 2023.

FRAZER, James. **The scope of social anthropology:** a lecture delivered before the University of Liverpool. Londres: Macmillan, 1908.

FREITAS, Renan Springer de. Três lugares para a crise de legitimidade da ciência. **Tempo social:** revista de sociologia da USP, v.33, n.3, p.47-69, 2021.

FUNÉZ-FLORES, Jairo. Decolonial and Ontological Challenges in Social and Anthropological Theory. **Theory, Culture & Society**, v.39, n.6, p.1-21, 2022.

GOVINDRAJAN, Radhika. Electoral ripples: The social life of lies and mistrust in an Indian village election. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v.8, n.1-2, p. 129-143, 2018.

GRODZICKA, Elżbieta Drażkiewicz; HARAMBAM, Jaron. What should academics do about conspiracy theories? Moving beyond debunking to better deal with conspiratorial movements, misinformation, and post-truth. **Journal of Cultural Research**, v.25, n.1, p.1-11, 2021.

HARAMBAM, Jaron; AUPERS, Stef. Contesting epistemic authority: Conspiracy theories on the boundary of science. **Public Understanding of Science**, v.24, n.4, p.1-15, 2015.

HARAMBAM, Jaron. Against modernist illusions: why we need more democratic and constructivist alternatives to debunking conspiracy theories. **Journal of Cultural Research**, v.25, n.1, p.104-122, 2021.

HARDING, Susan. Representing fundamentalism: the problem of the repugnant Cultural Other. **Social Research**, v.58, n.2, p.373-393, 1991.

HARDING, Susan; STEWART, Kathleen. Ansiedades da influência: Teoria da Conspiração e Cultura Terapêutica na América do Milênio. Tradução de Bruno Reinhardt. **Ilha: Revista de Antropologia**, v.23, n.3, p.214-239, [2003] 2021.

HARSIN, Jayson. Regimes of Posttruth, Postopolitics, and Attention Economies. **Communication, Culture & Critique**, v.8, n.2, p.327-333, 2015.

HESS, David. **Science in the new age:** The paranormal, its defenders and Debunkers, and American Culture. Madison: The University of Wisconsin Press, 1993.

HOFSTADTER, Richard. **Anti-intellectualism in American Life.** Nova Iorque: Alfred A. Knoff, 1963.

HOLBRAAD, Martin; PEDERSEN, Morten Axel; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A política da ontologia: posições antropológicas. **Ayé: Revista de Antropologia**, v.1, n.1, p. 95-102, [2014] 2019.

HOLANDA, Jorge Garcia de. **Estéticas de um mundo plano e estacionário: ciência, religião e conspiracionismo no ecossistema digital terraplanista**.2023.323f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

KALPOKAS, Ignas. **A political theory of post-truth**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

KNORR-CETINA, Karen. **La fabricación del conocimiento: un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia**. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2005.

LATOUR, Bruno. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Tradução de Sandra Moreira. Bauru: Edusc, [1996] 2002.

LATOUR, Bruno. Why has critique run out of steam? From Matters of Fact to Matters of Concern. **Critical Inquiry**, v.30, p.225-248, 2004.

LEIRNER, Piero. Hybrid warfare in Brazil: the highest stage of the military insurgency. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v.10, n.1, p.41-49, 2020.

LEPSELTTER, Susan. **The Resonance of Unseen Things: Poetics, Power, Captivity and UFOS in the American Uncanny**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2016.

LÓPEZ, Alejandro Martín. La batalla por el cielo: reacciones públicas contemporáneas de la comunidad científica argentina al Terraplanismo. **Cosmovisiones**, v.2, n.1, p.93-127, 2020.

LYNCH, Michael. STS, Symmetry, and post-truth. **Social Studies of Science**, v.47, n.4, p. 593-599, 2017.

MARCUS, George. **Paranoia within reason: a casebook on conspiracy explanation**. Chicago: Chicago University Press, 1999.

MERTON, Robert. A ciência e a ordem social. MARCOVICH, Anne; SHINN, Terry (org.). **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Editora 34, [1938] 2013).

MERTON, Robert. **Teoria y estructura sociales**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

NOVAES, Thiago. **A máquina como escrava do ser humano é uma forma empobrecida de pensar a técnica**: Entrevista especial com Thiago Novaes. Instituto Humanitas Unisinos, out. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/633266-a-maquina-como-escrava-do-ser-humano-e-uma-forma-empobrecida-de-pensar-a-tecnica-entrevista-especial-com-thiago-novaes>. Acesso em: 30 out. 2024.

PELKMAN, M; Machold, R. Conspiracy theories and their truth trajectories. **Focaal: Journal of Global and Historical Anthropology**, v.59, p.66-80, 2011.

PICHONELLI, Matheus. Mistério em Ratanabá: existe vida inteligente no planeta Mario Frias. TAB UOL, 16 jun. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/colunas/matheus-pichonelli/2022/06/16/misterio-em-ratanaba-existe-vida-inteligente-no-planeta-de-mario-frias.htm>. Acesso em: 14 set. 2022.

REICHSTADT, Rudy. Extending the domain of denial: conspiracism and negationism. **Diogenes**, v.62, n.3-4, p.48-55, 2016.

REINHART, RJ. Fewer in U.S continue to see vaccines as important. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/276929/fewer-continue-vaccines-important.aspx>. Acesso em: 20 set. 2022.

RABO, Annika. Conspiracy Theory and Anthropology. In. BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge Handbook of Conspiracy Theories**. New York: Routledge, 2020.

ROQUE, Tatiana. A propósito da confiança na ciência: uma conversa com Tatiana Roque. **Boletim CTS em Foco**, out., p.18-27, 2021.

SÁ, Guilherme; ALMEIDA, Rafael Antunes. O que esperar da ciência enquanto esperamos o amanhã. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. Florianópolis: Anpocs e Tribo da Ilha, 2020.

SEGATO, Rita Laura. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. **Mana**, v.12, n.1, p.207-236, 2006.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge: The MIT Press, 2014.

SISMONDO, Sergio. Post-truth. **Social Studies of Science**, v.47, n.1, p.3-6, 2017.

SOCIAL STUDIES OF SCIENCE. **Social Studies of Science**, v. 47, n. 1, fev. 2017. <https://journals.sagepub.com/toc/sssb/47/1>.

SPYER, Patricia. Fire without smoke and other phantoms of Ambon's violence: Media effects, agency and the work of imagination. **Indonesia**, n.74, p.21-36, 2002.

STENGERS, Isabelle. Another look: Relearning to laugh. **Hypatia**, v.15, n.4, p.41-54, 2000.

TRAWEK, Sharon. **Beamtimes and lifetimes: the world of high energy physics**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre Sá; BEVERNAGE, Berber. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, v.41, n.87, p.13-36, 2021.

NOTAS

- ¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no “Encontros do PPGANT”, da UFPI, em 19 de maio de 2022, a convite do colega Potyguara Alencar. Apresentei uma formulação mais amadurecida em 19 de julho de 2023 no “Encontros Via Lact”, organizado pelo Laboratório de Antropologia da Ciência e da Técnica da Universidade de Brasília. Este artigo também serviu de texto-base para o minicurso “Elementos para uma antropologia da pós-verdade: uma introdução”, ministrado na USP, em fevereiro de 2025.
- ² Ver, por exemplo, o v.47, n.1 do periódico *Social Studies of Science*. Nesse número, há toda uma seção dedicada ao tema.
- ³ A Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias dedicou todo o número do seu Boletim de outubro de 2021 ao tema da pós-verdade. Ver Boletim CTS em Foco, n.5, outubro de 2021, intitulado “Ciência, negacionismo e desinformação”.
- ⁴ Para uma revisão histórica sobre o conceito de negacionismo em forma ampla, é oportuno visitar a excelente apresentação do volume “Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa”, assinada por Patrícia Valim, Alexandre Sá Avelar e Berber Bevernage e publicada no ano passado na Revista Brasileira de História (Valim *et. al*, 2021).
- ⁵ De acordo com Crowley (2017), “Pós-verdade [...] se tornou central para o debate político em 2016, em grande medida em razão do contexto da campanha do Brexit na Inglaterra e das Eleições Gerais nos Estados Unidos” (Crowley, 2017, p. 91).
- ⁶ Sigla para Ciência, Tecnologia e Sociedade.
- ⁷ Pensar a pós-verdade como um fenômeno ativo significa escapar de uma descrição que a tome unicamente como uma negação da perspectiva científica ou dos fatos científicos.
- ⁸ A análise antropológica deste tema remonta, pelo menos, ao final dos anos 90. Vide, por exemplo (Marcus, 1999). O que ocorreu recentemente foi a intensificação do número de pesquisas sobre o assunto.
- ⁹ O 4chan é um fórum baseado em imagens. Para uma breve descrição de como o fórum se converteu em um celeiro da extrema direita conspiratória, ver (Colley; Moore, 2020).
- ¹⁰ Além de um idioma comum, temas que até 2016, ano da eleição de Donald Trump e da emergência da expressão pós-verdade, tinham o interesse completamente confinado a grupos conspiratórios muito reduzidos, passaram a fazer parte dos assuntos comentados por figuras políticas importantes no Estado Brasileiro. Note-se, por exemplo, que em 2022 um indivíduo que ocupava o posto de Secretário de Cultura postou em sua conta no *Twitter* um texto com conteúdo que aludia à Ratanabá, uma teoria da conspiração alimentada pelo parapsicólogo Urandir Oliveira, segundo quem haveria uma cidade perdida na Amazônia. Urandir é a mesma pessoa associada às aparições do E.T Bilu, em Corguinhos, Mato Grosso do Sul. Para os elos entre o político

e a teoria da cidade de Ratanabá, ver: <https://tab.uol.com.br/colunas/matheuspichonelli/2022/06/16/misterio-em-ratanaba-existe-vida-inteligente-no-planeta-de-mario-frias.htm>. Acesso em: 14 set.2022. Para um trabalho que se voltou ao tema de Ratanabá na antropologia, ver (Feffer; Vicente; Vieira, 2023).

- ¹¹ A expressão foi utilizada por Rita Segato para se referir à diluição dos lugares marcados de sujeito e de objeto que caracterizam a produção clássica em antropologia. Isto é, uma antropologia sem objeto é uma antropologia que tem que se haver com as críticas pós-modernas, pós-coloniais e decoloniais às formas tradicionais de representação do Outro. Citemos o trecho da própria autora: “A antropologia, portanto, terá de se expor e se curvar à demanda e à interpelação daquilo que outrora fora seu “objeto” e deixar-se interpelar. O estudo de outras culturas não garante a interculturalidade, a exposição radical à transformação demandada pelo outro. Mas a interculturalidade me ocorre como o único futuro não somente interessante, mas também plausível se pretendemos a sobrevivência de uma disciplina sem objeto” (Segato, 2002, p. 228).
- ¹² Aqui me refiro, em particular, a este trecho do manifesto: “Trata-se de uma antropologia constitutivamente antiautoritária, que toma seu empreendimento para gerar vantagens alternativas a partir das quais as formas de pensamento estabelecidas são submetidas à pressão implacável da própria alteridade e, talvez, com isso, alteradas” (Holbraad; Pedersen; Viveiros De Castro, [2014] 2019, p. 100).
- ¹³ No artigo intitulado “Against modernist illusions: why we need more democratic and constructivist alternatives to debunking conspiracy”, Harambam (2021) sugere que o *debunking* – isto é, a tentativa de desmascarar – não parece ser um caminho produtivo quando se deseja “desengajar” indivíduos de teses conspiracionistas. Isso porque, segundo o autor, “as teorias da conspiração tendem a ter uma ‘propriedade de auto vedação’: elas são resistentes a correções ou evidências contrárias porque os esforços para desmascará-las são facilmente vistos como prova e parte de uma teoria da conspiração maior” (Harambam, 2021, p. 107). O ceticismo de Harambam em relação à possibilidade de desfazer posições conspiracionistas por meio do “desmascaramento” encontra ainda uma segunda dificuldade. Os indivíduos “podem continuar a endossar aquela informação simplesmente para expressar a sua identidade e afiliações subculturais” (Harambam, 2021, p. 113).
- ¹⁴ Chamo de “pensamento conspiratório de nicho” aquele que é gestado e que circula em coletivos que não apenas se formaram a partir deles, como se alimentam cotidianamente da suspeita. Os modelos prototípicos aqui são certos grupos de ufólogos e terraplanistas.
- ¹⁵ Devo a Kleyton Rattes a indicação da obra “Waiting: the whites of South Africa” (1985), de Vincent Crapanzano.
- ¹⁶ Vide, por exemplo, a iniciativa hoje institucionalizada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e em várias outras universidades nacionais que outorga o título de “Mestre da Cultura” a Mestres dos Saberes Tradicionais, como rezadeiras, xamãs, artistas, entre outros. A reificação da Ciência, em tese, implicaria

em uma redução da abertura dos saberes universitários a outros processos de produção de conhecimento não científicos. Para uma discussão aprofundada sobre o tema do Encontro de Saberes, ver o dossiê: “Os (as) mestres (as) e a escrita: a produção literária no engajamento do Encontro de Saberes”, publicado na Ayé: Revista de Antropologia no ano de 2023.

- ¹⁷ Julien Bonhomme (2012), ao analisar casos de acusações urbanas de feitiçaria no Gabão, no Senegal e na Nigéria, observa que elas normalmente pesam sobre indivíduos estranhos ao acusador: “O anonimato figura como o denominador comum destas novas formas do oculto, especialmente se contrastado com a “bruxaria familiar”, que representa forma arquetípica da bruxaria na África Subsaariana” (Bonhomme, 2012, p. 25) (Tradução nossa). Agradeço a Daniel Alves de Jesus Figueiredo a indicação do trabalho de Julien Bonhomme.
- ¹⁸ Para um excelente exemplo de etnografia que se volta às afirmações de que o sucesso político de mandatários dependeria ou não de seus elos com a feitiçaria, ver o capítulo 7 de Figueiredo (2020).
- ¹⁹ Entre 2011 e 2015, realizei uma etnografia sobre os ufólogos brasileiros. Mais recentemente, entre 2020 e 2022, tomei como objeto de investigação os terraplanistas.
- ²⁰ Não é incomum que grupos de conspiracionistas se utilizem das noções de prova, evidência ou teste, termos que compõem o idioma científico. Infelizmente, em razão do espaço, não tenho condições de desenvolver em profundidade a noção de mimesis aqui. Contudo, registre-se que o debate sobre esse assunto na filosofia e nos estudos literários é muito robusto e remonta, pelo menos, à Platão, que debateu longamente o tema no livro X da República.
- ²¹ É comum que se sustente que os problemas não se encontrem nos métodos científicos, mas no uso que se faz deles. Para a sustentação etnográfica desta posição, ver (Almeida, 2015).
- ²² Recorde-se aqui a observação de Bruno Latour em Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches: “Não completamente, pois existem, de fato, ignorantes que reproduzem bastante bem a imagem que os estudiosos gostariam que eles fizessem de si próprios. Os fotógrafos de discos voadores, os arqueólogos de cidades espaciais perdidas, os zoólogos que buscam vestígios dos yeti, aqueles que mantiveram contato com pequenos homens verdes, os criacionistas em luta contra Darwin, todas essas pessoas que Pierre Lagrange estuda com a atenção apaixonada de um colecionador” (Latour, [1996] 2002, p.82).
- ²³ No caso em tela, o “não visto” são os fenômenos fotografados por ufólogos e suas testemunhas e que, frequentemente, são revelados por especialistas como fenômenos óticos ou alguma interferência terrestre no equipamento, como uma partícula de poeira ou mesmo um inseto.
- ²⁴ Para ser fiel ao estudo de Adorno, talvez a expressão “*fascismo potencial*” (Adorno, [1975] 2019) seja preferível.
- ²⁵ Note-se que a Escala F (escala para a mensuração do potencial fascismo), criada por Adorno e seus colaboradores, contém entre seus itens um com extremo potencial de indicar o anti-intelectualismo: “Há

demasiada ênfase nas faculdades em // tópicos teóricos e intelectuais e ênfase insuficiente em assuntos práticos e nas virtudes simples da vida” (Adorno, [1975] 2019, p. 129).

- ²⁶ Embora, é claro, toda desinformação possa conter uma boa dose de mentira.
- ²⁷ O artigo de Piero Leirner trabalhado nas linhas seguintes se volta especificamente ao contexto brasileiro. O estudo parte de sua experiência de pesquisa sobre o meio militar brasileiro para discutir a natureza das operações deste coletivo na política contemporânea. Leirner observa que, diferentemente da guerra aberta, convencional, na guerra híbrida “qualquer certeza a respeito das fronteiras entre dentro e fora, Estado e Não Estado, é também perdida, considerando que as fronteiras entre a política e a guerra se dissolvem” (Leirner, 2020, p. 44).
- ²⁸ Sobre as diferenças nas mensagens dentro daquilo que entendemos como o negacionismo, Limor Shifman, no livro “Memes in Digital Culture” (2014) diz que “outro atributo fundamental dos memes da internet é a sua intertextualidade: os memes muito frequentemente se relacionam com outros de maneiras complexas, criativas e surpreendentes” (Schifman, 2014, p. 2). Toda uma antropologia da pós-verdade que se volte para a produção de memes está ainda para ser feita.
- ²⁹ Embora seja difícil mensurar o crescimento da adesão a teorias da conspiração, um dos seus indícios pode ser visualizado no aumento da desconfiança em relação às vacinas. O instituto americano Gallup, em pesquisa recente, indicou que “84% dos americanos afirmam que é extremamente ou muito importante que pais vacinem os seus filhos. Este resultado é compatível com a leitura do Gallup em 2015, mas é inferior ao número de 94% de 2001.” Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/276929/fewer-continue-vaccines-important.aspx>. Acesso em: 20 set. 2022.
- ³⁰ Por “sistemas abertos” compreendo sistemas que, de modo geral, admitem muitos elementos heterogêneos em sua composição, ao mesmo tempo que apresentam alta plasticidade, isto é, baixa resistência à transformação. Susan Harding e Kathleen Stewart observam que, em sistemas conspiratórios “[n]ada é acabado. Tudo está sempre começando de novo” (Harding; Stewart, 2021, p. 220).
- ³¹ Devo ao texto de Bubandt (2019) a referência sobre a obra de Patrícia Spyer. A autora define a hiperhermenêutica do seguinte modo: “uma necessidade compulsiva de interpretar e minerar qualquer coisa em busca de um significado oculto, de ver qualquer ocorrência trivial como um sinal ou presságio do que pode vir” (Spyer, 2002, p. 35). Atente-se para o fato de que a noção de hiperhermenêutica foi desenhada pela autora para pensar o contexto de violência religiosa na Indonésia no final da década de 90.
- ³² A área 51 foi e continua sendo tomada por grupos de interessados no tema dos extraterrestres, os ufólogos, como um repositório potencial de segredos sobre essas criaturas.
- ³³ Letícia Cesarino fala em termos de uma “*Gestalt Switch*” (Cesarino, 2021, p. 89).

Rafael Antunes Almeida

almeida.rafaelantunes@gmail.com

Professor Adjunto – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira

Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília, Brasília, Distrito
Federal, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7497-1254>